

Igreja em perspectiva de mudanças

Jairo de Jesus Menezes¹

Sergio Esteban González Martínez²

Resumo: Em tempos de Pandemia, surgiram profundas transformações nas relações humanas, viu-se, num contexto eclesial, mudanças significativas que aguçaram o entendimento quanto a relação entre a liturgia e a eclesio-logia. A geração pós-pandêmica que testemunhou celebrações litúrgicas online e *lives* doutrinários intermináveis é aquela que deve reconsiderar os conceitos a respeito da Igreja no que toca a estrutura de assembleia, contato físico, olhares e relações palpáveis sem filtro digital. Estamos diante de uma nova eclesio-logia? Que sentido há a presença física nas nossas “Assembleias”? Certo, a importância da presença é inegável nas celebrações litúrgica e na vida da Igreja como um todo, mas quais “aggiornamento” necessários frutos das vivências e uma Igreja “em saída”? Tudo que a Igreja faz está condensado no “culto”, mesmo as ações sociais tendem a ter um caráter também celebrativo porque a Igreja se encontra na celebração e, de modo especial, a Celebração da Eucaristia. Grupos, projetos, atividades várias podem deixar de existir, mas a Igreja não pode não celebrar. Enunciado de grande veracidade histórica, mas que se tornou uma realidade essencial nesse tempo onde a morte delineava o marco de tensão da existência humana. Que Igreja, que liturgia? Neste artigo, pretende-se desenvolver, num primeiro momento, a questão da essencialidade da presença nas celebrações com a questão; a noção de Igreja “povo de Deus” que sentido em tempos de pandemia? Em seguida, a noção de “Ceia do Senhor”, Santa Missa, exige a dimensão do corpo e a partilha com os irmãos e irmãs, quais os desafios para uma participação redentora nas Assembleias dominicais pós-pandêmica? E, por fim, o que fazer e como agir? Quais as implicações práticas podem ser absorvidas dessa noção de emergência entre a vivência litúrgica numa Igreja “fechada”.

Palavras chaves: Pandemia. Igreja. Liturgia. Aggiornamento.

INTRODUÇÃO

O ponto de partida de toda e qualquer atividade acadêmica, por vezes, nos coloca em dilemas que, racionalmente, podem conduzir a pensamentos intermináveis e com possibilidades incomensuráveis, mas, dado os fatos da contemporaneidade, o especial momento em que todo o universo vive com a Pandemia do Covid-19 causada pelo vírus SARS-CoV-2 ou Novo Coronavírus. Que Igreja para uma sociedade pós pandemia? Como expressar o ser “Igreja Povo de Deus” ante uma liturgia que se compõe e recompõe além do aspecto que lhe integra, ou seja, a presença celebrativa do sujeito cristão? A vida cristã, podemos afirmar, se estrutura e se expande na medida em que é expressão viva do vínculo com Cristo, caso contrário, a máxima expressão de pertencer a Cristo pode ser desconfigurado a partir de uma noção relativista da sociedade e do homem.

1 Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal) e professor de Filosofia e Teologia da Universidade Católica do Salvador. E-mail: jjmenezes4163@gmail.com.

2 Pós-graduando Lato Sensu em Espiritualidade e Psicanálise (UNISAL). Graduado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: sergioestebangonza@gmail.com.

A relevância deste artigo deve-se ao fato de que o sujeito nas diferentes formas de celebrar a sua fé, colocou e coloca-se muitas questões do elo imanente entre liturgia e Igreja, pois a noção que se tem de Igreja, conseqüentemente, terá um impacto na vivência litúrgica. Por isso, o estudo se justifica pela atual importância de experienciar uma liturgia na Eclésia de Cristo sem necessariamente negligenciar os acontecimentos decorrentes da pandemia, a liturgia é a expressão máxima de pertença a Cristo, fonte e centro de toda a vida cristã. Em conformidade com o *Sacrosanctum Concilium*, a *Lumen Gentium* exalta essa fonte e cume e vislumbra a unidade visível dos fiéis na participação da celebração Eucarística. De fato, o Papa Francisco, observa que, “participando do sacrifício eucarístico, fonte e ápice de toda a vida cristã (...) têm todos um papel específico a desempenhar na ação litúrgica (...). Alimentando-se todos com o corpo de Cristo, demonstram de maneira concreta a unidade do povo de Deus” (LG, 11). A partir da experiência da fé, inseridos pela atração do Pai, “ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair; e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6,44). Percebe-se que há um grande interesse para apreender a situação do homem e da mulher de fé. Qual é então o ponto de partida para a nossa reflexão? O que, concretamente, é o verdadeiro acontecimento?

1 IGREJA “EM SAÍDA”

A relação entre Igreja, Liturgia e a pessoa humana na sua condição pobre sempre suscitou reflexão, enveredou caminhos de evidência de modo particular da Igreja pela preferência pelos mais vulneráveis numa sociedade, na qual, a exclusão por indiferença faz parte do convívio próprio porque, acostumou-se a ter tratados em teologia e a desenvolver posições políticas do que tocar a essencialidade desta relação. O mais curioso de tudo isso é que se pode desenvolver inúmeros conceitos sobre o pobre e a Igreja, mas nunca se coloca, realmente, na posição do “pobre”. O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG, 198), diz que: “Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus “manifesta a sua misericórdia antes de mais a eles”. Há como uma relação ontológica, sem a qual, a Igreja não seria o que ela é, Igreja de Cristo. Em decorrência deste fato que o Papa Francisco sublinha: “esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem <os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus> (Fl 2, 5)” (EG, 198).

Essa relação nos permite pôr uma questão, a Igreja em saída se confunde com a opção pelo pobre no pensamento do Sumo Pontífice? Seguindo o seu pensamento na *Evangelii Gaudium* essa relação é eclesiológica, “inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma opção pelos pobres, entendida como uma «forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja»” (EG, 198). E, refazendo-se do pensamento de Bento XVI, declara: “como ensinava Bento XVI, esta opção “está implícita na fé cristológica naquele Deus que Se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza” (EG, 198). Levando em consideração essa observação do Papa Francisco, percebe-se como essa noção está intrinsecamente unida à natureza da Igreja. Sendo assim, Ela não faz outra coisa senão o

que faz o Cristo, deve-se então enunciar que esse vínculo é cristológico. Consequentemente, esse vínculo também é social, pois a Igreja está inserida numa sociedade com um mal incalculável, “a necessidade de resolver as causas estruturais da pobreza não pode esperar; e não apenas por uma exigência pragmática de obter resultados e ordenar a sociedade, mas também para a curar uma mazela que a torna frágil e indigna e que só poderá levá-la a novas crises”. Portanto, “a desigualdade é a raiz dos males sociais” (EG, 202).

2 QUE LITURGIA PARA UMA IGREJA PÓS-PANDÊMICA?

Na Encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco, nos lança num olhar com novas perspectivas, algo bem oportuno para o momento presente, “a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia” (LS, 16), nesse sentido, no período mais crítico da pandemia, no ano de 2020, tivemos a oportunidade de celebrar, de diversas formas, a Liturgia da Igreja na modalidade online, unicamente. Certamente, muitas práticas e até mesmo reflexões teológicas foram repensadas ao longo desse tempo pandêmico.

A necessidade de uma atitude litúrgica a partir de uma responsabilidade evangélica é algo que nos parece estar bem evidente nos diversos momentos em que o Papa Francisco aborda a questão. Com o seu pensamento, percebe-se a real necessidade de se desvincular de uma ação litúrgica que exclui o homem da sociedade, pois é na liturgia que a pessoa faz experiência com Deus, lugar de encontro com Jesus Cristo. De fato, o Papa Francisco vincula a ação litúrgica com a nova evangelização, unido à necessidade de anunciar a Boa Nova com a beleza contida na arte de manifestar o conteúdo da fé.

Por fim, a comunidade evangelizadora jubilosa sabe sempre celebrar e festejar cada pequena vitória, cada passo em frente na evangelização. No meio desta exigência diária de fazer avançar o bem, a evangelização jubilosa torna-se beleza na liturgia. A Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte dum renovado impulso para se dar (EG, 24).

A eclesiologia do Papa Francisco, desenvolvida anteriormente, traz aspectos que denotam uma alegria do anúncio do Evangelho, fruto do encontro redentor com Jesus, algo inerente a isso deve ser a missão da Igreja, na sua Liturgia, vivência desse encontro com Cristo, deve-se alcançar, por este fato, o misterioso plano de Deus. Uma liturgia que não nos conduz ao mistério de Deus, tende a ser algo como um fardo e sem sentido.

Este obscuro mundanismo manifesta-se em muitas atitudes, aparentemente opostas, mas com a mesma pretensão de «dominar o espaço da Igreja». Nalguns, há um cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, mas não se preocupam que o Evangelho adquira uma real inserção no povo fiel de Deus e nas necessidades concretas da história. Assim, a vida da Igreja transforma-se numa peça de museu ou numa possessão de poucos. Noutros, o próprio mundanismo espiritual esconde-se por detrás do fascínio de poder mostrar conquistas sociais e políticas, ou numa vanglória ligada à gestão de assuntos

práticos, ou numa atração pelas dinâmicas de autoestima e de realização autorreferencial (EG, 95).

A noção de uma liturgia desvinculada de uma autêntica evangelização, de encontro com Jesus pode desencadear uma série de distúrbios no seio da Igreja. Francisco é bem claro nesse sentido, tudo que a Igreja faz está condensado no culto, mesmo as ações sociais tendem a ter um caráter também celebrativo porque a Igreja se encontra na celebração e, de modo especial, a Celebração da Eucaristia.

Atingir uma unidade de fé e vida, vida celebrativa e vida teológica de modo que uma ilumine a outra é extremamente importante para a harmonia de vida do cristão pois uma liturgia sem fundamentação, iluminação teológica tende a se perder em iniciativas vãs, nas quais se pode ter grandes atividades sem, necessariamente estarem conforme o Magistério da Igreja.

3 QUE FAZER E COMO AGIR?

Em meio a tantas dores e alegrias no mundo contemporâneo, assolado pela pandemia desde o ano de 2019, essas mesmas dores são as dores e as alegrias da vivência da Igreja que tem como missão de apresentar para toda a humanidade a salvação anunciado por Jesus Cristo, um Cristo morto e Crucificado. Nesse sentido, quais são as luzes que o Papa Francisco nos oferece neste tempo de pandemia? A teologia como ciência procura dar sentido à existência humana, aos fatos que necessitam de conteúdo redentor e às atividades que proporcionam em si um anúncio de potencialização do ser na sua totalidade existencial. Todo agir implica uma finalidade, um escopo, um término e um novo desenrolar. A vida humana no curso da pandemia exigiu um superar-se de toda sorte de ideologia e fanatismo religiosos para que, dia após dia, se alcançasse um único objetivo, manter-se firme no propósito de manifestar a bondade divina e ser pessoalmente tocado por ela. Podemos então fazer nossa as palavras de Nobre e Conceição quando enfatizam que os escritos de Francisco são portadores de esperança, “carregado de uma Teologia portadora de esperança por excelência, entendemos que os escritos do Papa Francisco possibilitam ao leitor entrar em contato com o mistério divino”, e isso possibilita a vivência cristã do acontecimento existencial mais consciente, por esse fato que os escritos, “facilitam uma melhor revelação do amor misericordioso de Deus à humanidade” (NOBRE; CONCEIÇÃO, 2021, p. 41-66).

Quais são as possíveis ações que podemos tomar nesse momento de pandemia? Pode-se ter uma noção eclesiológica do que deixaremos como herança para as gerações futuras? Não seria este e tantos outros questionamentos que devemos nos colocar nesse tempo tão difícil? Na Encíclica *Laudato Si'*, Francisco enfatiza que, “antes de reconhecer como a fé traz novas motivações e exigências face ao mundo de que fazemos parte, proponho que nos detenhamos brevemente a considerar o que está a acontecendo com nossa casa comum” (LS, 17). O Papa, nesse sentido, propõe algumas reflexões que antecedem a atitude de fé como uma ação da consciência para tomarmos a devida responsabilidade do nosso ser no mundo, como

para dizer, o que se passa no mundo, não me é indiferente, mas para que eu sofra as dores do mundo, sinto a necessidade de sofrer de modo pessoal, sucumbir na minha sensibilidade as dores e sofrimentos da humanidade. Essa empatia por uma sensibilidade cósmica, não pode ser unicamente de um sentir emocional, há de ter um impacto redentor, ou seja, transformador de consciência e incentivador de atitudes benéficas.

Francisco descreve a situação da poluição e das mudanças climáticas, “existem formas de poluição que afetam diariamente as pessoas (...) produz uma vasta gama de efeitos sobre a saúde, particularmente dos mais pobres, e provocam milhões de mortes prematuras”. Por outro lado, tem-se também a questão da água que, “é indispensável para a vida humana e para sustentar os ecossistemas terrestres e aquáticos. (...) agora, (...) a procura excede a oferta sustentável, com graves consequências a curto e longo prazo” (LS 27-31). A perda da biodiversidade é mais que evidente tanto no cotidiano como também na vasta gama de pesquisadores, “a perda de florestas e bosques implica simultaneamente a perda de espécies que poderiam constituir, no futuro, recursos extremamente importantes (...) também para a cura de doenças e vários serviços” (LS 32-42).

À deterioração da qualidade de vida humana e degradação social, o Sumo Pontífice adverte que “não podemos deixar de considerar os efeitos da degradação ambiental, do modelo atual de desenvolvimento e da cultura do descarte sobre a vida das pessoas” (LS, 43-47). No que diz respeito a desigualdade planetária, segundo Francisco, “o ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social”. Para o Papa, “a deterioração do meio ambiente e a da sociedade afetam de modo especial os mais frágeis do planeta”. Estamos como indiferentes e ou sem ter como reagir de modo que se tenha um impacto planetário, “preocupa a fraqueza da reação política internacional” (LS, 27-54).

Por fim, tem-se a diversidade de opiniões, este item consideramos de primordial valor para a reflexão pois também no contexto pandêmico deve-se ter sempre uma terceira via para manifestar o nosso estar no mundo como convém. Finalmente, “a propósito da situação e das possíveis soluções, que se desenvolveram diferentes perspectivas e linhas de pensamento” (LS, 60), sobre a existência humana são bem extremas, “alguns defendem a todo o custo o mito do progresso, (...) outros pensam que o ser humano, (...), só pode ameaçar e comprometer o ecossistema mundial” (LS, 60), portanto, enfatiza o Papa, “reduzir a sua presença (do ser humano) no planeta e impedir-lhe todo o tipo de intervenção”, não convém, pois a solução não está nos extremos, mas em “identificar possíveis cenários futuros, porque não existe só um caminho de solução. Isto deixaria espaço para uma variedade de contribuições que poderiam entrar em diálogo a fim de se chegar a respostas abrangentes” (LS, 60).

A concepção de uma “Igreja em saída” como elemento constitutivo, a missão e, ao mesmo tempo, o cuidado para com o pobre, o fraco e o enfermo nos coloca a todos a convicção de que a expressão do amor de Deus para conosco, na liturgia, deve ser sinônimo de

acolhimento do fraco (FT, 16), numa liturgia onde a missão de evangelizar deve sobrepor e se manter frente às tentativas de uma ação que se quer litúrgica mas se demonstra como um verdadeiro espetáculo humano, sem sentido e vazio de significado, um verdadeiro retrocesso pois nem conduz o fiel ao Divino e muito menos expõe o sentimento e a beleza da Igreja frente ao Mistério. Frente a tudo isso não se pode buscar soluções onde Deus não seja configurado, as posições extremistas sempre configuram a genialidade do homem em tentar, por si só, trazer uma novidade, mas é na via da moderação e do diálogo que se pode avançar numa construção sensata de uma sociedade mais fraterna. Propor então uma ação litúrgica onde o Divino se faz plenamente sentido, onde se toca o Mistério na sua profundidade é, de fato, fazer uma experiência de Deus na “Assembleia dominical” de modo a poder, em seguida, seguir para os lares e locais de trabalhos conscientes de uma missão em construção.

CONCLUSÃO

O pensamento do Papa Francisco é incomensurável, não deve e nem pode ser enquadrado em esquemas de direita ou de esquerda, é muito mais que uma categoria racional. No entanto, a ordem que predomina no seu pensamento é a Palavra de Deus que o estrutura. Viu-se, no desenvolvimento do artigo, que Francisco, pelos seus escritos, provoca e dialoga com a sociedade. O Papa não impõe a sua verdade de fé, de homem e de mundo, mas mantém bem clara o que pensa a respeito dessas temáticas e por aí estabelece um diálogo. Foi assim que se deu durante esse período pandêmico, é assim que ele segue no interior da Igreja e, particularmente, em relação à fraternidade e aos Atos Litúrgicos, manifestação da misericórdia divina e união de Deus para com os homens. Nesse sentido, o estar nas celebrações implicou um novo olhar e uma nova postura, regras e obrigações canônicas foram perdendo, na prática, o sentido de aplicá-las devido a impossibilidade: igrejas fechadas e celebrações virtuais. Inúmeras foram as igrejas que tiveram que optar em aceitar a “distribuição da Comunhão” fora da celebração da Ceia do Senhor, em tempos normais isso seria impraticável. Que Missa agora eu participo? Que sacramento agora frequento e tomo parte? Certamente a questão da presença do fiel à celebração eucarística, tem, nesse contexto, uma importância jamais vista na história da cristandade.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2015.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. In: Vaticano II: Mensagens, discursos e documentos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

FRANCISCO, PP. Carta Encíclica *Fratelli Tutti* sobre a fraternidade e amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

_____. Carta Encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Loyola / Paulus, 2015.

_____. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013.

NOBRE, José Aguiar; CONCEIÇÃO, Elizeu da. Pensar teologicamente a pandemia à luz de alguns escritos do Papa Francisco. Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, v. 25, n. 67, p. 41-66, jan./jun.2021.